



Coleção
GUYRA KUÉRA MANDU'A,
MEMÓRIAS ALADAS

Volume 1
ARANDU, UM PAPAGAIO CHARÃO

Autores
Paulo Henrique Colonese
Pedro Lucas Vedovi
Ricardo Tadeu Santori
Tânia Goldbach

Espaço Ciência Viva
2026

Coleção
GUYRA KUÉRA MANDU'A,
MEMÓRIAS ALADAS

Volume 1
ARANDU, UM PAPAGAIO CHARÃO

Autores
Paulo Henrique Colonese
Pedro Lucas Vedovi
Ricardo Tadeu Santori
Tânia Goldbach

Espaço Ciência Viva
2026



Licença de Uso.

O conteúdo dessa obra, exceto quando indicado outra licença, está disponível sob a Licença Creative Commons, Atribuição-Não Comercial-Compartilha Igual 4.0

ESPAÇO CIÊNCIA VIVA

Presidente

Guilherme Lessa Bastos

Vice-Presidentes

Tania Goldbach

Secretário Geral

Eleonora Kurtenbach

Conselho Fiscal

Pedro Henrique Monteiro Torres

Sergio Lomonaco Carvalho

Miguel Cantanhede Sette e Câmara

Sonia Simões Camanho

Coordenadores

Robson Coutinho Silva

Gabriela Dias Bevilacqua

Rodrigo da Cunha Bisaggio

Autores

Paulo Henrique Colonese

Pedro Lucas Pinto Vedovi da Silva

Ricardo Tadeu Santori

Tânia Goldbach

Apoio

Liga de Animais Silvestres da UERJ, LASil da UERJ

Projeto Alunos e Professores Observando Aves, APrOA da UERJ.

Fotografias

Acervo Espaço Ciência Viva

Portal iNaturalist

Imagens e Poesias IA

Microsoft Copilot, Paulo Henrique Colonese

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Arandu, um papagaio charão [livro eletrônico] / Paulo Henrique Colonese...[et al.]. -- Rio de Janeiro : Espaço Ciência Viva, 2026. -- (Coleção guyra kuéra mandu'a, memórias aladas ; 1) PDF

Outros autores: Pedro Lucas Vedovi, Ricardo Tadeu Santori, Tania Goldbach.
ISBN 978-85-64735-06-4

1. Aves 2. Biodiversidade - Conservação 3. Ecossistemas - Aspectos ambientais 4. Meio ambiente I. Colonese, Paulo Henrique. II. Vedovi, Pedro Lucas. III. Santori, Ricardo Tadeu. IV. Goldbach, Tania. V. Série.

26-362868.0

CDD-598.2

Índices para catálogo sistemático

1. Aves : Zoologia 598.2

**ESPAÇO CIÊNCIA VIVA E
LIGA DE ANIMAIS SILVESTRES DA UERJ**
apresentam

Coleção
GUYRA KUÉRA MANDU'A,
MEMÓRIAS ALADAS





Volume 1
ARANDU, UM PAPAGAIO CHARÃO

Esta coleção é um produto educativo-cultural da parceria entre
o Espaço Ciência Viva (ECV),
a Liga de Animais Silvestres da UERJ (Lasil – UERJ)
e o Projeto Alunos e Professores Observando Aves (APrOA - UERJ)

2026

SUMÁRIO

●	<i>Coleção Guyra Kuéra Mandu'a, Memórias Aladas</i>	07
	Para se conectar com a biodiversidade das aves	08
	Liga de Animais Silvestres da UERJ, (LASil), UERJ	11
	Projeto Alunos e Professores Observando Aves (APrOA), UERJ	14
	Convite alado (Poesia IA)	17
	PARTE 1 PARA ESTUDANTES E CURIOSOS	18
●	Arandu, um Papagaio-charão	19
	Quando eu era apenas um ovo...	21
	O dia em que sai do ovo	23
	Minha casa entre gigantes verdes	24
	O primeiro voo – a grande aventura	27
	Meus superpoderes	27
	Explorador Juvenil	29
	Minhas cores e meus talentos!	33
	As minhas penas	34
	De onde vem as cores das minhas penas?	37
	Minha vida adulta, a hora de formar minha família	39
	A revoada, minha primeira migração	40
	Os desafios que enfrentamos	44
	Nossa conexão com a natureza	46
	E assim continuo voando...	47

	Terra dos Papagaios	49
	O Planisfério de Cantino, 1502	50
	Papagaios no Brasil	51
	Gênero <i>Amazona</i>	51
	Gênero <i>Alipsiopsitta</i>	58
	Quando os europeus me nomearam e classificaram	59
	Bioidentidade	65
	PARTE 2 – PARA EDUCADORES	66
	A Contação de Histórias Aladas	67
	A Arte de Encantar para Cuidar	68
	Histórias que educam	69
	Quando a História vira Ação	71
	Ensino e Aprendizagem de Aves	72
	Aves na BNCC (EI, EF-1, EF-2 e EM)	73
	Literacia em aves	78
	Datas comemorativas aladas	83
	Conexões Indígenas	90
	Cosmopercepções indígenas e as aves	91
	Calendário das aves do Alto Xingu	94
	PARA SABER MAIS	97
	AUTORES	102



COLEÇÃO

***GUYRA KUÉRA MANDU'A,
MEMÓRIAS ALADAS***

PARA SE CONECTAR COM A BIODIVERSIDADE DAS AVES

A **Coleção Guyra Kuéra Mandu'a - Memórias Aladas** visa promover uma conexão profunda com as aves. O nome vem do **guarani mbya** *guyra* (ave), *kuéra* (sufixo de plural) e *mandu'a* (memórias).

Observar aves é muito mais do que uma atividade de contemplação da natureza — é uma porta de entrada para compreender os ecossistemas, fortalecer nossa relação com o meio ambiente e promover hábitos que favoreçam a conservação da biodiversidade. No Brasil, um dos países mais ricos em espécies de aves no mundo, essa conexão é ainda mais valiosa.

► **Um convite para desacelerar e perceber o entorno**

O simples ato de olhar para o céu, escutar cantos ao amanhecer ou notar pequenas diferenças entre espécies desperta em nós um senso de presença. A observação de aves nos convida a desacelerar e nos reconectar com o ritmo natural das coisas, reduzindo o estresse e estimulando o bem-viver.

► **As aves como bioindicadoras da saúde ambiental**

Aves são excelentes bioindicadoras. Mudanças em sua abundância, diversidade ou comportamento refletem alterações ambientais importantes, como: perda de habitat, poluição, mudanças climáticas e desequilíbrios ecológicos.

Ao observar aves, contribuimos com informações que ajudam pesquisadores, gestores e instituições públicas a monitorar a saúde dos ecossistemas.

▶ **Uma oportunidade de educação e ciência cidadã**

A observação de aves é uma atividade acessível: pode ser feita em parques, praças, quintais e até mesmo no ambiente urbano. Isso transforma cada cidadão em um potencial colaborador para a ciência. Ações como listas de aves, registros fotográficos e participação em plataformas de ciência cidadã ampliam o conhecimento científico e fortalecem ações de conservação.

▶ **Fortalecimento da conexão afetiva com a natureza**

Quando reconhecemos um sabiá, um beija-flor ou um sanhaçu, passamos a perceber a beleza e a complexidade da vida ao nosso redor. Essa conexão afetiva é uma das bases mais fortes para a conservação. Afinal, para proteger, precisamos conhecer e valorizar.

▶ **A importância ecológica das aves**

As aves desempenham funções fundamentais para o equilíbrio dos ecossistemas:

Polinização e dispersão de sementes, importantes para a regeneração das florestas.

Controle de insetos, contribuindo para a agricultura e o equilíbrio das cadeias alimentares.

Ciclagem de nutrientes e manutenção das dinâmicas ecológicas.

Ao observar e valorizar as aves, reforçamos a necessidade de preservar habitats naturais.

Construindo a cultura do cuidar

Observar aves nos inspira a adotar práticas que beneficiam a biodiversidade, como:

- proteger áreas verdes,
- plantar espécies nativas,
- evitar o uso excessivo de agrotóxicos,
- combater o tráfico de animais silvestres,
- promover ambientes urbanos mais verdes e acolhedores para a fauna silvestre.

Cada gesto cotidiano passa a ser guiado por um olhar mais consciente e responsável.

Conectar-se com a diversidade das aves é uma forma poderosa de unir educação, ciência e sensibilização ambiental.

Essa prática fortalece nossa compreensão sobre a vida, aproxima comunidades da natureza e contribui para a conservação dos ecossistemas.

Ao observar aves, não estamos apenas contemplando a natureza — estamos participando dela.



Lucas França, Maria Paula Jereissati, Jéssica França, Pedro Lucas Vedovi, Ana Júlia Figueiredo, Thalita dos Reis, Giovanni Rodrigues, Caio Braga, Christian Barria e Maria Clara Belfort. LASil-UERJ, BioParque do Rio, 2025. Acervo LASil-UERJ.



LASIL - UERJ
LIGA DE ANIMAIS SILVESTRES DA UERJ

A LIGA DE ANIMAIS SILVESTRES DA UERJ

As aves também **aproximam pessoas**.

Em diferentes lugares do Brasil, estudantes, educadores, pesquisadores e comunidades têm desenvolvido ações voltadas à observação, conservação e divulgação da biodiversidade brasileira.

Entre essas iniciativas estão as ligas acadêmicas, projetos de extensão e coletivos que unem ciência, educação ambiental e participação social.

A **Liga de Animais Silvestres da UERJ (LASiL UERJ)** participa desse movimento por meio de ações educativas e atividades de divulgação científica voltadas à fauna silvestre brasileira.

Nas atividades desenvolvidas pela liga, animais preservados também são utilizados como modos de aproximação entre as pessoas – humanos - e a biodiversidade..



@lasiluerj
* /lasiluerj

Por meio do **contato** com penas, cores, formas, tamanhos e estruturas corporais das aves, crianças, jovens e adultos podem observar detalhes que muitas vezes passam despercebidos na natureza ou em imagens.

O **toque**, a **observação cuidadosa** e a **experiência sensorial** despertam curiosidade, encantamento e conexão com a vida das aves, tornando a aprendizagem mais significativa e acessível.

Além da observação das aves, a **LASiI** realiza rodas de conversa, oficinas, ações educativas e produção de materiais de divulgação científica, fortalecendo o diálogo entre universidade e sociedade.

Quando a ciência se aproxima das pessoas de forma sensível, afetiva e participativa, cresce também o cuidado com a biodiversidade e o interesse pela conservação das aves e de seus ambientes.





Projeto Alunos e Professores Observando Aves
APrOA / UERJ - FPP

Alunos e Professores Observando Aves - APrOA

A ideia do projeto é a de que na observação de aves, todos podemos e temos coisas a aprender e a ensinar sobre as aves, ou seja no ato recíproco de ensinar, o aluno vira professor e o professor vira aluno, valorizando os conhecimentos prévios e tradicionais que muitos trazem das suas experiências cotidianas e dos seus antepassados.

O objetivo deste projeto é formar professores e alunos de todos os níveis de ensino, para a **observação das aves** visando à construção de uma percepção do valor ecológico desses animais, desencadeando com isso o interesse por temas relacionados ao valor do conhecimento científico e à proteção do meio ambiente.

Nas oficinas de observação de aves, levamos os alunos das escolas para a atividade ao ar livre na própria escola, jardins ou praças.

Os alunos utilizam binóculos e fichas de campo com esquemas de aves para colorir e identificar as espécies com o auxílio de guias de identificação.

No Brasil, comemoramos o Dia do Observador de Aves em 28 de abril, dia que corresponde à data de 28 de abril de 1500, quando **Pero Vaz de Caminha** registrou as primeiras observações de aves no território brasileiro, na famosa carta sobre a chegada ao Brasil

“Enquanto andávamos nessa mata a cortar lenha, atravessavam alguns papagaios essas árvores; verdes uns, e pardos, outros, grandes e pequenos, de sorte que me parece que haverá muitos nesta terra. Todavia os que vi não seriam mais que nove ou dez, quando muito. Outras aves não vimos então, a não ser algumas pombas-seixeiros, e pareceram-me maiores bastante do que as de Portugal. Vários diziam que viram rolas, mas eu não as vi. Todavia segundo os arvoredos são muitos e grandes, e de infinitas espécies, não duvido que por esse sertão haja muitas aves!”. Pero Vaz de Caminha.

Além da observação de aves, o projeto vem produzindo:

- **vídeos** didáticos e de divulgação científica sobre aves urbanas com a série “[As aves através da Janela](#)”,
- **materiais didáticos** sobre aves,
- ministrando **palestras** sobre observação de aves em escolas,
- elaborando **roteiros** para a observação de aves em locais públicos
- e realizando **pesquisas** sobre os efeitos da observação de aves na educação e para a percepção ambiental.

A realização desta atividade torna-se assim um importante instrumento de educação em ciências por despertar o interesse pelas aves e por vários temas associados às áreas de ciências e biologia.

Participe e siga o projeto em

<https://www.instagram.com/avesffp.uerj/>

CONVITE ALADO

Poesia IA, Microsoft Copilot,
edição de Paulo Henrique Colonese

Vem cá, chega perto,
escuta o mundo cantar.
No galho mais alto do tempo,
uma ave te chama para olhar.

Tem asas riscando o céu,
tem cantos pintando o ar,
tem mistérios que só descobre
quem decide *desacelerar*.

Observar é isso:
aprender com o vento,
caminhar com os olhos atentos,
deixar o coração pousar.

É saber que cada plumagem
carrega histórias do chão ao céu
infinito,
e que um simples bater de asas
pode ser poesia, ciência e mito.

Vem ver que a vida voa perto,
bem mais perto do que parece.
Que o sabiá ensina coragem,
e o bem-te-vi sempre aparece.

Vem descobrir cores escondidas,
nomes que o silêncio guarda,
tesouros de ninhos, rotas e sonhos
que a natureza nunca tarda.

Vem ser guardião do encanto,
amigo das asas, aprendiz da luz.
Porque quem observa uma ave
descobre o mundo que reluz.

Então, abre teu olhar curioso,
deixa a imaginação ganhar altura.
vem olhar, proteger a vida,
cuidar da natureza pura.

PARTE 1
PARA ESTUDANTES E CURIOSOS



ARANDU,
UM PAPAGAIO CHARÃO

ARANDU, UM PAPAGAIO-CHARÃO

Olá, amigos!

Meu nome é **Arandu**, um nome de língua dos povos originários daqui do sul do Brasil, como os **Guarani Mbya, Guarani Kaiowá e Guarani Nhandeva**.

Nas línguas de origem guarani, **arandu** significa:

- **sabedoria, inteligência, conhecimento profundo**
- e “**sentir e ouvir o tempo**” na interpretação cosmológica Kaiowá/Guarani.

No guarani, **ara** significa tempo, céu e **andu** significa sentir, perceber, ouvir. Para povos guarani, não há **sabedoria** sem a união do **sentir** e do **ouvir** — em sua concepção espiritual e filosófica. Assim, **arandu** pode ser entendido como o “**conhecimento profundo que nasce do sentir e do ouvir**”

No Tupi antigo, **arandu** foi associado ao “barulho de papagaios”, e ao “murmúrio de araras”, pois ará significa arara e ndu = alarido, barulho.

Atualmente, sou conhecido como **papagaio-charão**. A origem do meu nome popular é incerta, mas pode ser uma mistura de um termo indígena com o português que ficou popular.

Quero convidar vocês para voarem comigo pela minha história — desde quando eu era só um ovinho até me tornar o papagaio forte que sou hoje.

QUANDO EU ERA APENAS UM OVO...

Tudo começou dentro de um **oco** de **árvore**, bem no alto das florestas com **araucárias** (*Araucaria angustifolia*).

A araucária, meu ninho, também é chamada de **pinheiro-brasileiro** ou **pinheiro-do-paraná**, ela é a única espécie de araucária nativa do sul do Brasil.

Ela domina a floresta típica do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, com ambiente bastante úmido e árvores que gostam de muita chuva. As araucárias também podem ocorrer no sudeste em São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, em altitudes mais elevadas.

Infelizmente, meu precioso ninho está ameaçado de extinção.

A minha mãe escolheu uma araucária bem alta e colocou meu ovo e de meus três irmãos, em um ninho quentinho e seguro.

Ela ficou sentada sobre nós por 22 dias, mantendo tudo aquecido. E meu pai vinha todos os dias trazer comida para ela — ele é um grande companheiro!

Enquanto isso, nós quatro, lá dentro dos ovos, sonhávamos com o mundo: com o vento, com a luz e com o cheiro das árvores.



**Pinheiro-brasileiro (*Araucaria angustifolia*). @Carlos Otávio Gussoni.
São Paulo, 2013. Acervo iNaturalist. Licença CC-BY-NC-4.0.**

O DIA EM QUE SAI DO OVO

Quando finalmente rompi a casca,
descobri que eu era bem... diferente!

Um filhotinho sem penas, olhos fechados, todo molinho.
Mas mamãe e papai achavam a gente lindos.

A cada dia eu crescia, ganhava penas verdes e começava a bater as
asas.

Eu era um filhote bem dependente de meus pais e permaneci
bastante tempo no ninho me desenvolvendo.

E fiquei no ninho por quase dois meses, cerca de 55 dias!

Meu pai e minha mãe trabalhavam muito trazendo comida e nos
protegendo.

MINHA CASA ENTRE GIGANTES VERDES

Aos dois meses, já estamos todos empenados e começamos a sair do ninho.

Cresci ouvindo o vento cantar nas copas das **araucárias**, árvores altas que existem aqui no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina.

Elas são minha **casa**, minha **sombra** e meu **restaurante!**

Eu e minha família adoramos o **pinhão**, a **semente** da **araucária**.

Os pinhões são uma delícia! Mas também comemos frutas como **guabiroba**, **jabuticaba**, **murta** e até folhas e brotos.

As araucárias não são só árvores para nós.
Elas são guardiães que protegem nossa história.



Pinha de pinheiro-brasileiro (*Araucaria angustifolia*). @Nêmora Pauletti Prestes.
Santa Catarina, 2021. Acervo [iNaturalist](#). Licença CC-BY-NC-4.0.



Papagaio charão (*Amazona pretrei*). @ Norton Santos, Santa Catarina, 2025.
Acervo [iNaturalist](#). Licença CC-BY-NC-4.0.

O PRIMEIRO VOO – A GRANDE AVENTURA

Quando minhas penas cresceram e eu fiquei mais forte, saí do ninho para dar meus primeiros voos.

Eu era quase todo verde, mas já tinha um pouco de **vermelho** no **rosto** e nas **asas**, diferente dos adultos que tem os vermelhos bem marcados. Isso mostra para os outros que eu ainda estava aprendendo.

Em nosso primeiro ano, aprendemos as vocalizações, escutando os cantos e os chamados de nosso grupo e sobre o comportamento social de nosso grupo.

Já temos plumagem, mas ainda não é definitiva.

Voar pela primeira vez é assustador, mas também libertador. Eu precisava praticar muito antes de acompanhar os bandos.

EXPLORADOR JUVENIL – A FASE DA FOME SEM FIM

Quando fiquei jovem, comecei a acompanhar os bandos da minha espécie. A gente gosta de viver em **grandes grupos** e somos muito barulhentos!

Saímos procurando as **sementes** do **pinheiro-do-paraná**, os famosos **pinhões**! Eles são tão gostosos... sou praticamente um especialista em achar araucárias carregadas de sementes!

Quando não tem pinhão, nós também comemos frutos como guabiroba, jabuticaba, murta e até frutinhas de plantas exóticas.



Papagaio charão (*Amazona pretrei*). @ Carlos Eduardo Agne, Rio Grande do Sul, 2016. Acervo [iNaturalist](#). Licença CC-BY-NC-4.0

MEUS SUPERPODERES

Preciso contar uma coisa muito importante sobre mim: sou um dos menores papagaios brasileiros, mas **meu corpo** é cheio de **superpoderes naturais!**

Meus pés são verdadeiras mãos!

Olhe bem para os meus pés: eles podem parecer simples, mas são como **duas mãos cheias de força e habilidade!**
Tenho dois dedos apontando para frente e dois para trás.

Isso me ajuda a **agarrar galhos**, segurar alimentos e até escalar troncos quando estou procurando um bom ninho. É como se eu tivesse garras de escalador profissional!

Meu bico — a ferramenta mais poderosa que existe

Meu bico é duro, curvado e muito, muito forte.
Com ele, consigo **quebrar pinhões**, que são bem resistentes, e abrir frutas com casca grossa. Como os pinhões são meu prato favorito, meu bico trabalha bastante todos os dias!

Além disso, funciona como um terceiro pé — me ajuda a escalar e me equilibrar nos galhos enquanto exploro a floresta.

Detalhe do bico do Papagaio charão (*Amazona pretrei*)..
Imagem criada por IA Microsoft Copilot.



Papagaio charão (*Amazona pretrei*) para colorir.





Pluma de Papagaio charão (*Amazona pretrei*).
@ Luciano Bernardes, Santa Catarina, 2021.
Acervo [iNaturalist](#). Licença CC-BY-NC-4.0

MINHAS CORES E MEUS TALENTOS!

Minha plumagem — verde como floresta, vermelha como fogo

E agora... o que mais me deixa orgulhoso: minhas **penas!**

Sou coberto por um verde brilhante que se mistura perfeitamente com as copas das araucárias — isso é ótimo para me esconder dos predadores.

Mas, o que mais chama atenção mesmo, é minha **máscara vermelha** no rosto e “**espelhos**” **vermelhos** nas minhas asas.

Os machos costumam ter ainda mais vermelho do que as fêmeas, como se usassem maquiagem de festa da natureza!

Algumas das minhas penas das asas também têm tons de azul, o que me deixa ainda mais colorido quando abro as asas durante o voo.

É uma explosão de cores no céu!

Ah, e tem um detalhe engraçado: eu tenho umas “polainas” vermelhinhas nas pernas — parece até que estou sempre preparado para o frio da serra!

MINHAS PENAS

Minhas penas não são todas iguais. Elas são diferentes e altamente especializadas para garantir a nossa sobrevivência, permitindo **voar, manter a temperatura, se proteger e se comunicar**.

Cada tipo de pena desempenha uma função essencial no equilíbrio e na adaptação ao nossos ambientes.

Penas de cobertura

Revestem quase todo o meu corpo (cabeça, dorso, peito, asas e cauda). Elas são relativamente rígidas e organizadas, de cor verde e com manchas vermelhas.

Elas protegem meu corpo, ajudam na impermeabilização, na camuflagem e a impressionar outros papagaios.

Penas das asas

São as penas das asas e podem ser ligadas às minhas “mãos” na extremidade da asa e na região intermediária da asa. São longas e fortes. Elas garantem o voo, gerando sustentação e propulsão.

Penas da cauda

São as penas que ficam na cauda.

Elas são longas e alinhadas.

Elas permitem direcionar e ajudam a estabilizar o voo.

E auxiliam em pousos e manobras.

Penas semiplumas (ou plumosas intermediárias)

Elas ficam sob as penas de contorno, espalhadas pelo corpo.

São uma mistura entre penas de contorno e penugem.

E são bem macias, ajudam no isolamento térmico e na forma do meu corpo.

Penugem

Elas ficam na camada mais interna, principalmente no peito e abdômen.

São muito macias, sem estrutura rígida.

Elas mantêm a minha temperatura corporal e ajudam no isolamento térmico contra o frio.

Filoplumas

Elas ficam espalhadas pelo corpo, associadas a outras penas

São muito finas e semelhantes a fios, com pequenas ramificações.

Elas são sensoriais, detectam posição e movimento das outras penas e são muito importantes para controlar o voo.

Cerdas

Elas ficam próximas ao bico e aos olhos

São bem curtas, rígidas e com poucas ramificações.

Elas protegem os meus olhos e narinas do vento e da poeira e me ajudam na percepção do ambiente.



Papagaio charão (*Amazona pretrei*). @ Lindolfo Souto, Santa Catarina, 2014. Acervo [iNaturalist](#). Licença CC-BY-NC-4.0

DE ONDE VEM AS CORES DAS MINHAS PENAS?

As minhas penas ficam coloridas por causa de **pigmentos**, que são tintas naturais que meu corpo produz e de efeitos de luz.

Cor verde

A cor **verde** vem de uma mistura especial: a luz bate nas minhas penas e cria essa cor. Não é só pigmento, é um efeito da luz sobre minhas penas. O meu corpo produz **pigmentos amarelos (psitacofulvinas amarelas)** que são combinadas com estruturas microscópicas das penas que refletem luz azul. O resultado da combinação dos **pigmentos amarelos** e do **reflexo da luz azul**, produz a cor **verde**.

Cor vermelha

O **vermelho** em minha cabeça e outras cores vêm de pigmentos vermelhos (**psitacofulvinas vermelhas**) que o meu corpo consegue produzir. Nós produzimos nossos próprios **pigmentos vermelhos**. Eu como sementes, frutas e pinhões que ajudam o meu corpo a produzir ou manter as minhas cores.

Quando as penas estão crescendo, o meu corpo coloca esses pigmentos nelas — como se estivesse pintando cada pena com cuidado. Depois que a pena cresce, a cor permanece até eu trocar as penas (isso se chama **muda**).

As minhas cores são muito importantes, pois elas ajudam a me esconder nas árvores (o verde se mistura com as folhas!), a me comunicar com outros charões e mostram que estou saudável.



Papagaio charão (*Amazona pretrei*). @ Paulo Barradas,
Gramado, Rio Grande do Sul, 2010.
Acervo [iNaturalist](#). Licença CC-BY-4.0

MINHA VIDA ADULTA – A HORA DE FORMAR MINHA FAMÍLIA

Aos 4 anos, cheguei na idade adulta, e meu coração começou a bater diferente.

Quando fico adulto, a minha máscara vermelha no rosto fica mais intensa, mais do que nas fêmeas. É um sinal que chegou a hora de encontrar meu par.

Nos formamos casais e nos ajudamos muito.
Encontrei minha companheira — seu nome é **Araíra**, que em Guarani-mbya significa “doce como o mel” ou a “doçura do tempo”.

Nós dois procuramos juntos um oco de árvore para formar nosso ninho. Ou uma casa vazia construída pelo Projeto Charão.

Depois que ela colocou os ovos, cuidei dela como meu pai cuidou da minha mãe:

Eu trazia comida todos os dias. Três vezes, pelo menos!

É assim, cuidamos uns dos outros.

É um trabalho em equipe!

Quando nossos filhotes nasceram, juntos alimentamos, protegemos e ensinamos tudo a eles.

Ver um pequenininho bater asas pela primeira vez é uma emoção que nunca se esquece.

A REVOADA, MINHA PRIMEIRA MIGRAÇÃO

Aos cinco anos, fiz minha primeira revoada.
Agora, eu sou um adulto completo!

Nós somos viajantes e fazemos uma longa viagem todos os anos!
Somos a única espécie de papagaio do Brasil que **migra!**

Entre abril e maio, fazemos nossa **revoada**.
Eu e meu bando voamos do Rio Grande do Sul até a Serra
Catarinense, no município de **Urupema**, procurando árvores cheias
de pinhões.

Em Urupema, pesquisadores do **Projeto Charão** criaram uma
reserva de araucárias com muitos pinhões, onde podemos nos
alimentar. E criaram ninhos com caixas no alto das árvores para que
possamos nos reproduzir.

Quando os pinhões acabam por lá,
voltamos para o Rio Grande do Sul.

Voar em bando é lindo

— somos dezenas, às vezes centenas,
cruzando o céu friorento das serras do sul do Brasil.



**Revoada de Papagaios Charão (*Amazona Pretrei*).
@ Gabriel Broering Rohden, Santa Catarina, 2025.
Acervo iNaturalist. Licença CC-BY-NC-4.0.**



Mapa ocorrências do papagaio charão.
Fonte: [Wikiaves](#).



**Inauguração da Reserva Particular do Patrimônio Natural de Santa Catarina, a “RPPN CATARINENSE” em Urupema, 2018.
Fonte: RPPN Catarinense.**

OS DESAFIOS QUE ENFRENTAMOS

A vida nem sempre é fácil.

As araucárias estão sumindo, derrubadas para dar lugar a plantações e cidades.

Sem elas, ficamos sem casa e sem comida.

E, para piorar, algumas pessoas desumanas ainda querem nos capturar para vender como animais de estimação.

E isso é muito triste, pois nascemos para voar livres.

Mas, também existem cientistas e cidadãos do bem, como os humanos do Projeto Charão, que nos ajudam, protegem nossas florestas e estudam nossa espécie para que possamos continuar vivendo por muitas e muitas gerações futuras.

Sem esses pesquisadores, nossas vidas seriam muito mais difíceis. Eles garantiram nossa comida e nossa casa em uma **reserva** protegida.



Papagaio charão (*Amazona pretrei*). @ Marcelo Schmidt Roberti, Santa Catarina, 2025. Acervo [iNaturalist](#). Licença CC-BY-NC-4.0

NOSSA CONEXÃO COM A NATUREZA

Sabe o que aprendi ao longo da vida?

Que não somos só moradores da floresta;
somos parte dela.

Quando comemos os frutos e derrubamos sementes,
ajudamos novas plantas a nascerem.

Quando voamos em bando,
levamos vida por onde passamos.

E quando cuidamos das araucárias,
elas cuidam de nós.

Se vocês protegerem a natureza,
E cuidarem das florestas de araucárias,
Vocês farão parte de nossas vidas.
Proteger a Natureza, é proteger vocês também.

E ASSIM CONTINUO VOANDO...

Hoje, com vinte anos, continuo adulto e forte.
E sigo viajando, cantando e ensinando meus filhotes.

Nós vivemos na Natureza, em média, até os 30 anos.
Mas podemos viver menos, dependendo de predadores, escassez de alimento em certos períodos, doenças, perda de nosso habitat e a captura ilegal.

Em cativeiros, como zoológicos ou centros de recuperação, podemos viver até mais de 40 anos, quando não podemos ser soltos na Natureza por algum motivo.

E agora, que já contei minha história para vocês.
Se algum dia, vocês ouvirem na região sul,
um bando de papagaios,
voando bem alto,
com penas verdes e máscaras vermelhas
brilhando ao sol, lembrem-se de mim.

Eu sou Arandu, o papagaio-charão que ama sua terra e sua liberdade.



Papagaio charão (*Amazona pretrei*). @ Valeria Vieira. Julio de Castilhos, RS, 2019. Acervo [iNaturalist](#). Licença CC-BY-NC-4.0



TERRA DOS PAPAGAIOS

O PLANISFÉRIO CANTINO, DE 1502

Desde o século 15, a confecção de mapas era uma atividade estratégica e secreta em Portugal. As descobertas eram cuidadosamente lançadas nos mapas portugueses da época.

Alberto Cantino, um comerciante italiano de cavalos, em Lisboa, trabalhou secretamente para o Duque de Ferrara, da Itália. Cantino cooptou um cartógrafo português que elaborou um planisfério, provavelmente com base na "carta padrão d'El Rei".

O mapa foi concluído em 1502 e enviado à Itália. O planisfério incorporou alguns dados da primeira expedição exploratória ao Brasil (1501-1502).

O mapa não está assinado, nem datado. Ele ficou na biblioteca de Ferrara até 1597, quando foi transferido para o palácio ducal de Modena. Em 1859, o palácio foi saqueado e o mapa desapareceu.

Nos anos 1970, o diretor da biblioteca de Modena achou o mapa forrando um anteparo em uma salsicharia da cidade, comprou-o e levou-o para a Biblioteca Estense Universitária.

O impacto que as **araras e papagaios multicoloridos** causaram nos marinheiros, diplomatas, banqueiros e à família real foi tanto que, antes de virar a "Terra do Brasil", nosso país ficou conhecido como a **Terra dos Papagaios**.

OS PAPAGAIOS NO BRASIL

Uma jornada pelas asas da diversidade

O Brasil foi chamado de **Terra dos Papagaios**, pelos europeus e não foi à toa. De norte a sul, esses animais coloridos e sonoros cruzam o céu, carregando histórias que se misturam às florestas, aos campos e até mesmo às cidades. Viajar pelo país acompanhando os papagaios é como folhear um livro vivo da natureza — cada espécie revela um capítulo diferente sobre nossos biomas.

A seguir, você conhecerá esses personagens incríveis organizados por gênero, descobrindo onde vivem e o que torna cada um especial. É quase como se cada papagaio estivesse contando sua própria aventura.

GÊNERO *Amazona* **Os “clássicos” papagaios verdes do Brasil**

Este é o gênero mais numeroso e conhecido no país. São aves inteligentes, sociais, com bicos fortes e uma vocação natural para fazer barulho.

Papagaio-verdadeiro, papagaio-de-testa-azul (*Amazona aestiva*)

Biomas: Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica e Pantanal.

Espalhado por quase todo o Brasil, é o famoso falador das cidades e zonas rurais. Vive entre frutos e flores, mas enfrenta o perigo do tráfico de animais.



Amazona aestiva. © Gabriel Caixeta Serpa. Licença CC-BY-NC-4.0.



Amazona brasiliensis. © Jordan. Licença CC-BY-NC-4.0.



Amazona vinacea.
© yasminheggendorn.
Licença CC-BY-NC-4.0.



Amazona amazonica.
© Juan Carlos Villamizar.
Licença CC-BY-NC-4.0.

Papagaio-de-cara-roxa (*Amazona brasiliensis*)

Biomias: Mata Atlântica costeira, principalmente restingas.

Vive no litoral do Paraná e de São Paulo. Imagine um papagaio que adora o cheiro do mar e as palmeiras — é ele.

Papagaio-charão (*Amazona pretrei*)

Biomias: Floresta com araucárias no sul do Brasil.

Mora onde o frio aperta. Seu alimento favorito? Os pinhões da araucária. É quase um gaúcho das alturas.

Papagaio-de-peito-roxo (*Amazona vinacea*)

Biomias: Mata Atlântica (da Bahia ao Rio Grande do Sul).

Raro, elegante e ameaçado, vive nas matas de altitude e se alimenta de uma variedade enorme de frutos.

Papagaio-de-cabeça-azul / bochecha-azul (*Amazona dufresniana*)

Biomias: extremo norte da Amazônia.

Um habitante das florestas densas do Norte, conhecido pelo azul brilhante que lhe dá o nome.

Papagaio-do-mangue / Curica (*Amazona amazonica*)

Biomias: Amazônia, manguezais do Norte e Nordeste e áreas costeiras da Mata Atlântica. Vive em várzeas, manguezais e florestas úmidas. É adaptável e curioso — um verdadeiro aventureiro das águas.

Papagaio-moleiro (*Amazona farinosa*)

Biomias: florestas densas na Amazônia.



Amazona kawalli. © Nina Venóli.
Licença CC-BY-NC-4.0.



Amazona autumnalis. © José Antonio Linage Espinosa.
Licença CC-BY-NC-4.0.



Amazona tucumana.
© Oliver Kohler.
Licença CC-BY-NC-4.0.



Amazona mercenarius.
© cmmteixeira.
Licença CC-BY-NC-4.0.

Papagaio-de-barriga-roxa / Chauá (*Amazona rhodocorytha*)

Biomias: Mata Atlântica (ES, leste de MG, sul da BA).

Uma joia escondida da Mata Atlântica, extremamente ameaçada e dependente das florestas mais antigas.

Papagaio-de-cabeça-amarela / Diadema (*Amazona autumnalis*)

Biomias: principalmente no oeste e norte da Amazônia.

Papagaio-tucumano / Tucumã (*Amazona tucumana*)

Biomias: florestas com araucárias no sul do Brasil (RS e SC).

Papagaio-de-kawall (*Amazona kawalli*)

Biomias: Amazônia (regiões restritas).

Papagaio-da-várzea (*Amazona festiva*)

Biomias: florestas alagáveis da Amazônia.

Papagaio-andino (*Amazona mercenarius*)

Biomias: ocorrência marginal no Brasil.

Papagaio-de-testa-amarela (*Amazona ochrocephala*)

É um **complexo** de espécies muito parecidas, mas ainda com classificação discutida.

Biomias: ocorre na Amazônia e parte do Centro-Oeste, em florestas e áreas abertas.

Amazona ochrocephala.
© Eliseo Battistin.
Licença CC-BY-NC-4.0.



Amazona festiva.
© Glenn Perelson.
Licença CC-BY-NC-4.0.



Amazona dufresniana. © tlaloc.
Licença CC-BY-4.0.



Amazona farinosa. © eutierria-mm.
Licença CC-BY-4.0.



Amazona rhodocorytha.
© Weverton Cristovão.
Licença CC-BY-NC-4.0.



Alipiopsitta xanthops.
© Nina Wenóli.
Licença CC-BY-4.0.

GÊNERO *Alipiopsitta* **O Papagaio do Cerrado**

Papagaio-galego (*Alipiopsitta xanthops*)

Biomias: Cerrado e Caatinga.

Com seu tom amarelado marcante, é um símbolo dos campos secos e das árvores retorcidas do coração do Brasil.

Ao longo do país, são ceca de **15 espécies de papagaios** reconhecidas em território brasileiro, distribuídas em todos os nossos biomas — da Amazônia ao Pampa. Cada papagaio carrega no bico uma história diferente sobre o Brasil, como se fosse o guardião colorido da floresta, da restinga, do cerrado ou do mangue.

Eles são mais do que aves: são personagens importantes da nossa biodiversidade, sensíveis às mudanças que fazemos no mundo e fundamentais para manter as florestas vivas, dispersando sementes e renovando os ciclos da natureza.

Uma mensagem aos jovens apaixonados por asas

Quando você observa um papagaio, não está apenas vendo uma ave colorida; está conhecendo um morador antigo das nossas florestas, alguém que sobreviveu a séculos de transformações e ainda precisa da nossa ajuda.

Cada espécie tem seu lar, suas preferências, suas alegrias e desafios. Você pode ser parte dessa história, aprendendo, observando e ajudando a proteger.

**QUANDO OS EUROPEUS ME
NOMEARAM E CLASSIFICARAM**

QUEM ME NOMEOU E CLASSIFICOU?

A minha espécie foi descrita e nomeada por **Coenraad Jacob Temminck**, em 1830, como *Psitacus pretrei*.

Temminck (1778–1858) foi um importante naturalista europeu do século XIX e desempenhou papel central na consolidação da zoologia e da taxonomia. Ele foi o primeiro diretor do **Museu de História Natural Rijks** em Leiden, na Holanda, ocupando o cargo de 1820 até sua morte.

Temminck herdou de seu pai — um tesoureiro da Companhia Holandesa das Índias Orientais — uma grande **coleção de espécimes de aves**, o que lhe proporcionou material abundante para estudos, comparações e classificações.

Entre suas obras mais influentes estão:

Manuel d'ornithologie (1815), por muitos anos referência padrão para o estudo de aves europeias.

Histoire naturelle générale des Pigeons et des Gallinacées (1813–1817).

E **Nouveau Recueil de Planches coloriées d'Oiseaux** (1820–1839), volume 4, 1838 - uma obra ilustrada que inclui espécies novas, onde eu fui classificada como *Psitacus pretrei*.



Psitacus pretrei (atual *Amazona pretrei*) Coenraad Jacob Temmnick, em Nouveau Recueil de Planches coloriées d'Oiseaux, 1838, Prancha 392, Volume 4.



Retrato de Coenraad Jacob Temminck, diretor do Museu de História Natural Rijks. Acervo Coleção Digital das Bibliotecas da Universidade de Leiden. Licença de Domínio Público.

Temminck foi ativo nos debates sobre **classificação sistemática** entre 1800 e 1850. Ele ajudou a estabelecer as definições de tipo, gênero, distribuição geográfica e a organizar coleções científicas.

A história da minha classificação reflete as mudanças e erros típicos de estudos europeus das aves durante os séculos XIX e XX.

Temminck descreveu a minha espécie como ***Psittacus pretrei***, e atribuiu minha origem ao México. Estudos posteriores de Wyndham Wentworth Knatchbull-Hugessen (3º Barão Brabourne) e Charles Chubb em 1912 corrigiram a minha origem verdadeira para o **sul do Brasil**.

Depois, minha espécie foi transferida para o gênero ***Amazona*** na reorganização dos grupos de papagaios. O gênero ***Amazona*** foi estabelecido em 1830, por **René Lesson** quando várias espécies americanas foram separadas de ***Psittacus*** e transferidas para o novo gênero ***Amazona***.

Apesar de eu não ser da região amazônica, os europeus usaram ***Amazona*** para se referir à América do Sul. E ***pretrei*** para homenagear o ilustrador **Jean Gabriel Prêtre**.

E foi assim que eu passei a ser classificada na Zoologia, como ***Amazona pretrei***, um papagaio do sul do Brasil.



Imagem gerada por IA Microsoft Copilot a partir de retrato de Coenraad Jacob Temminck, Leendert Springer (1789-1871) do Acervo da Coleção Digital das Bibliotecas da Universidade de Leiden.

Reino dos **Animais**: todos os seres vivos multicelulares, heterotróficos e que apresentam algum tipo de movimento em algum estágio da vida.

Filo dos **Cordados**, que agrupa animais com notocorda, tubo neural dorsal, fendas faringianas e cauda em alguma fase da vida. Estruturas fundamentais para identificar **vertebrados**.

Classe das **Aves**, de animais homeotérmicos, ovíparos, com penas, bico e esqueleto adaptado ao voo, características que diferenciam as aves de outros vertebrados.

Ordem dos **Psitaciformes**, grupo dos **papagaios**, **periquitos**, **araras** e **cacatuas** com bico curvo forte, língua musculosa, pés com 2 dedos para frente e 2 para trás e alta inteligência.

Família **Psittacidae**, que agrupa papagaios do velho e novo mundo, baseado em características comuns de voz, forma do bico e comportamento social.

Gênero **Amazona**, grupo de papagaios de médio porte, majoritariamente verdes, grande capacidade vocal e comportamento social complexo.

Espécie **Amazona pretrei**, grupo de papagaios com máscara vermelha, associados à araucária no sul do Brasil.

- **Amazona**: termo francês que se refere a papagaios tropicais.
- **pretrei**: homenagem a Jean Gabriel Prêtre (1800–1840), ilustrador do Museu de História Natural de Paris.

PARTE 2
PARA EDUCADORES

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS ALADAS



A ARTE DE ENCANTAR PARA CUIDAR

Conexão com a Biodiversidade de Aves

A contação de histórias é uma estratégia educativa antiga e potente da humanidade. No contexto da educação ambiental, sua força se torna ainda mais evidente: histórias despertam emoções, criam identificação, ampliam a imaginação e abrem caminhos para aprendizagens significativas profundas.

Quando aplicada ao universo das aves, a narrativa se transforma em ferramenta de encantamento e conexão com a biodiversidade capaz de aproximar crianças e jovens das aves que compartilham conosco os espaços, as paisagens e os sons do cotidiano.

Narrar para aproximar: o efeito da voz que vem da natureza

Adotar a perspectiva da **primeira pessoa**, permitindo que a própria ave “conte” sua história, é uma estratégia pedagógica especialmente eficaz. Quando a criança, jovem ou adulto ouve um bem-te-vi, um corrupeirão ou um urubu-rei dizendo “eu”, ele suspende, ainda que por alguns minutos, a separação entre humano e natureza.

Essa mudança de ponto de vista faz com que as aves deixem de ser apenas elementos da paisagem e passem a ser percebidas como seres com trajetórias, desafios, rotinas, riscos e encantos próprios.

Essa personificação — quando usada com responsabilidade e sem distorção científica — desperta empatia e senso de pertencimento. A ave deixa de ser um “objeto de estudo” e se torna um personagem com o qual as crianças podem se identificar, torcer e se importar.

Histórias que educam sobre Ecologia

Narrativas em primeira pessoa têm vantagens claras para educadores:

Contextualizam conceitos ecológicos de forma acessível e emocional: migração, alimentação, reprodução, polinização, predadores e habitat podem aparecer dentro da história como parte da vida do personagem-ave.

Facilitam o entendimento de ameaças ambientais, como perda de habitat, atropelamentos, captura ilegal e uso de agrotóxicos — sempre a partir da experiência vivida pelo personagem.

Promovem vínculos afetivos, essenciais para a construção de atitudes pró-conservação. Uma criança que “ouve” o papagaio-verdadeiro lamentar a destruição de seu ninho vivenciará essa informação de forma muito mais profunda do que lendo um dado estatístico.

Criam espaço para múltiplas linguagens: música, ilustração, dramatização, escrita criativa, leitura coletiva, artes visuais e ciência cidadã podem ser integradas como desdobramentos naturais da história.

O Brasil abriga uma das maiores diversidades de aves do mundo. Cada bioma — da Amazônia ao Pampa, passando pela Mata Atlântica, Cerrado, Pantanal e Caatinga — oferece personagens reais com hábitos, cores, cantos e comportamentos que parecem um convite à literatura.

Imagine histórias narradas por:

- uma arara-azul descrevendo o esforço para encontrar ninhos adequados;
- um tiê-sangue explicando a importância das florestas maduras;
- um beija-flor contando a correria de visitar flores e defender seu território;
- um maçarico migratório relatando sua viagem de milhares de quilômetros;
- um papa-capim refletindo sobre os perigos do tráfico e das gaiolas.

Essas histórias criam um elo espontâneo entre o cotidiano das crianças e processos ecológicos mais amplos.

Ferramenta para territórios diversos e realidades distintas

A narrativa em primeira pessoa valoriza os contextos locais.

Um educador pode criar histórias com aves que as crianças vejam do pátio da escola, da janela de casa ou na praça da comunidade. Ao escutarem um bem-te-vi “contar” como construiu seu ninho em um poste ou ouvirem uma rolinha falar de sua vida entre árvores urbanas, os alunos percebem que a biodiversidade não está distante: está ali, partilhando o mesmo espaço.

Essa abordagem favorece:

o reconhecimento da fauna urbana,
a valorização das áreas verdes da comunidade,
a observação cotidiana de comportamentos,
a percepção de que cada ação humana tem impacto.

Quando a história vira ação

A contação de histórias não se limita ao encantamento — ela impulsiona práticas concretas, tais como:

construção de comedouros e bebedouros responsáveis;
criação de jardins com plantas nativas;
registro de aves em projetos de ciência cidadã;
campanhas contra o tráfico de animais;
trilhas interpretativas;
produção de livros, vídeos ou podcasts pelos próprios estudantes.

Quando as crianças compreendem as aves como personagens com voz, torna-se natural querer protegê-las.

Para educadores, a prática de contar histórias em primeira pessoa, colocando as aves como protagonistas, é uma estratégia sensível, poderosa e cientificamente relevante.

Ela combina
imaginação e conhecimento,
emoção e ecologia,
linguagem e conservação.

E, sobretudo, fortalece a conexão afetiva — um dos pilares essenciais para formar cidadãos conscientes, sensíveis e engajados na proteção da biodiversidade brasileira.

**ENSINO E APRENDIZAGEM
DE AVES NA BNCC**

O estudo de aves e da biodiversidade nacional integra objetivos, competências e habilidades da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em todos os segmentos do ensino – o que torna o tema fundamental na formação de crianças, jovens, adultos e educadores.

AVES NA EDUCAÇÃO INFANTIL (EI)

As aves são excelentes disparadores para trabalhar **curiosidade, imaginação, linguagem, expressão artística e percepção do ambiente**, dialogando com todos os campos de experiência da BNCC.

Objetivos Gerais Relacionados ao Tema

- Explorar elementos da natureza e desenvolver cuidado com os seres vivos.
- Estimular a expressão oral, a curiosidade e a imaginação por meio da observação e de histórias sobre aves.
- Mobilizar diferentes linguagens (corpo, desenho, sons, narrativas) para expressar descobertas sobre aves.

Habilidades BNCC associadas

EI03EO04: Comunicar ideias e sentimentos a pessoas e grupos diversos.

EI03EO06: Demonstrar interesse e respeito por diferentes modos de vida.

EI03CG01: Criar com o corpo formas de expressão, dança, gestos e dramatizações (ex.: imitar comportamentos das aves).

EI03TS02: Expressar-se por desenhos, colagens, pinturas e esculturas (ex.: representar aves observadas).

EI03EF01: Expressar ideias e vivências pela oralidade e pela escrita espontânea (ex.: contar histórias sobre aves).

AVES NO ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS INICIAIS (1º ao 5º)

O estudo das aves dialoga com Ciências, Língua Portuguesa, Arte e Geografia, permitindo desenvolver observação, registro, pesquisa e expressão.

CIÊNCIAS DA NATUREZA

Temas: biodiversidade, habitats, características dos seres vivos, impactos ambientais.

Habilidades BNCC diretamente ligadas às aves

EF15CI02: Identificar características dos animais e classificá-los segundo critérios como alimentação, reprodução, habitat.

EF15CI03: Investigar e registrar sons, comportamentos e características de animais (ex.: canto das aves).

EF15CI04: Reconhecer a importância da preservação dos ambientes e dos seres vivos.

EF15CI05: Compreender migração e relações ecológicas (ex.: aves migratórias).

EF15CI06: Analisar relações entre alimentação dos animais e seu ambiente (ex.: comedouros, plantas nativas).

EF15CI07: Discutir impactos da ação humana sobre espécies e habitats.

EF15CI08: Identificar ciclos de vida dos animais (ovo–filhote–adulto).

LÍNGUA PORTUGUESA

Temas: leitura, produção textual, pesquisa, oralidade.

Habilidades relacionadas ao estudo das aves

EF15LP05: Produzir textos informativos (cartazes, pequenos relatórios, fichas de observação).

EF15LP06: Registrar observações em diários e cadernos de campo.

EF15LP07: Produzir vídeos e apresentações explicativas sobre temas pesquisados.

EF03LP25: Planejar e produzir textos de diferentes gêneros, incluindo relatos de observação e pesquisas sobre aves.

ARTE

Temas: representação gráfica, música, dramatização.

Habilidades relacionadas ao estudo das aves

EF15AR01: Expressar-se por meio de desenhos (ex.: aves observadas).

EF15AR02: Identificar imagens e memórias visuais (ex.: jogo de memória com espécies).

EF15AR03: Criar dramatizações ou fantoches, incluindo narrativas em primeira pessoa de aves.

GEOGRAFIA

EF15GE01: Representar elementos do espaço (ex.: mapa da escola com áreas de avistamento de aves, identificar reservas de aves em mapas).

AVES NO ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS FINAIS (6º ao 9º)

O estudo das aves ganha aprofundamento: biodiversidade, ecossistemas, cadeias alimentares, impactos ambientais, conservação, além de produção textual científica e jornalística.

Competências e objetivos gerais

Analisar relações ecológicas e compreender a importância da biodiversidade brasileira.

Desenvolver postura investigativa por meio de pesquisa de campo, registros e interpretação de dados.

Analisar impactos humanos e discutir medidas de conservação de aves e seus habitats.

Habilidades BNCC associadas (Ciências)

Dentre os temas previstos para os anos finais relacionados às aves, podemos incluir:

classificação biológica, evolução, ecossistemas, cadeias alimentares, relações ecológicas;

impactos ambientais: desmatamento, urbanização, mudanças climáticas;

conservação da fauna, incluindo aves ameaçadas.

Habilidades em Língua Portuguesa

Trabalhos com aves possibilitam:

produção de textos expositivos, podcasts, reportagens, entrevistas, narrativas literárias e campanhas ambientais;

análise crítica de fontes e dados científicos;

multimodalidade e comunicação.

AVES NO ENSINO MÉDIO

O estudo das aves se alinha ao **Novo Ensino Médio**, em especial ao itinerário formativo de Ciências da Natureza e seus temas contemporâneos.

Competências gerais associadas

- Compreender processos biológicos complexos (evolução, genética, ecologia).
- Analisar criticamente problemas socioambientais e propor soluções sustentáveis.
- Utilizar investigação científica, tecnologias e registros de campo.

Conexões possíveis com a BNCC

- Estudo dos ecossistemas e fluxos de energia usando aves como exemplo.
- Observação científica e análise de dados (anilhamento, migração, distribuição local).
- Projetos investigativos e de intervenção socioambiental voltados para conservação de aves.



Crianças interagindo com maritacas em ação da Liga de Animais Silvestres da UERJ. Cedido pelo acervo LASIL-UERJ.

LITERACIA EM AVES

LITERACIA EM AVES

*A **Literacia em Aves** é uma proposta que aproxima crianças do mundo natural por meio de algo que está por toda parte: **as aves**. Ela ajuda a desenvolver conhecimentos, atitudes e habilidades importantes para compreender e cuidar do ambiente.*

*De forma simples, ser “**letrado**” em aves” envolve **quatro grandes aspectos**:*

Conhecer as aves ao nosso redor

Aprender a identificar espécies, perceber suas cores, formas, cantos, hábitos e onde vivem. E descobrir por que algumas aves precisam de mais proteção do que outras.

Desenvolver atitudes e valores pró-natureza

Conviver mais com aves e entender sua importância, torna as pessoas mais sensíveis, curiosas e cuidadosas com o meio ambiente — uma base para formar cidadãos conscientes.

Viver experiências práticas

Observar aves no pátio da escola, anotar o que viram, participar de pequenas investigações e até contribuir com projetos de ciência cidadã são formas divertidas e envolventes de aprender ciência de verdade.

Valorizar saberes locais e culturais

Comunidades, povos indígenas e moradores mais antigos conhecem as aves de maneiras muito ricas. Despertar esses saberes fortalece o respeito pela diversidade e amplia a visão sobre o mundo natural.

POR QUE TRABALHAR COM AVES NA EDUCAÇÃO?

As aves são excelentes **porta de entrada** para aprendizagem científica.

Elas estão em toda parte, despertam curiosidade e permitem investigações acessíveis para crianças pequenas.

Aves como caminho para aprender ciência

Observar, investigar, comparar e registrar dados sobre aves ajuda as crianças a desenvolverem habilidades científicas — como levantar hipóteses, fazer perguntas e buscar explicações.

Conhecer espécies para cuidar

Aprender a reconhecer as aves que vivem na praça, na escola ou na rua de casa desperta a curiosidade e incentiva comportamentos de proteção ao meio ambiente.

Respeito aos saberes e às culturas

Muitas comunidades possuem nomes próprios para as aves, histórias, cantigas, modos de uso e crenças associadas. Integrar esses conhecimentos torna a aprendizagem mais rica e significativa.

Aprender fazendo

Experiências práticas — como observar aves no entorno, registrar sons e comportamentos, criar guias ilustrados, participar de projetos de ciência cidadã — tornam o aprendizado vivo e participativo.

PRINCIPAIS DIMENSÕES DA LITERACIA EM AVES

Conhecimento sobre espécies

*identificar aves comuns;
reconhecer cores, formas, cantos, tamanhos e comportamentos;
entender onde vivem e que ameaças enfrentam.*

Atitudes e valores ambientais

*cuidar do ambiente;
sentir alegria e curiosidade ao observar a natureza;
compreender que cada ser vivo tem um papel importante.*

Engajamento e práticas

*observar aves na escola ou no bairro;
participar de registros e investigações simples;
desenvolver ética de cuidado com os animais.*

Dimensão sociocultural

*aprender nomes populares e histórias locais;
valorizar conhecimentos tradicionais e indígenas;
promover inclusão e respeito à diversidade cultural.*

Competências investigativas

*observar com atenção;
comparar informações;
registrar dados;
comunicar descobertas.*

COMO COLOCAR ISSO EM PRÁTICA?

Investigações simples no cotidiano escolar

O que as aves da escola, jardim, praças e quintais comem?

Em que horários aparecem mais?

Que sons elas fazem?

Uso de materiais estruturados

Guias e programas internacionais e nacionais oferecem atividades prontas, que podem ser adaptadas à realidade de cada local.

Integração com a comunidade

Convide famílias, guardiões ambientais, moradores antigos ou lideranças tradicionais para compartilharem seus conhecimentos sobre as aves da região.

Atividades interdisciplinares

Artes: desenhos, máscaras, colagens e esculturas.

Língua portuguesa: histórias, poemas e relatos de observação.

Matemática: gráficos de frequência de aves, contagens e comparações.

Ciências: hábitos, alimentação, ciclos de vida e ecossistemas.

A **Literacia em Aves** é uma abordagem encantadora, acessível e poderosa, que aproxima as crianças da ciência, da natureza e da cultura de suas comunidades. Ela promove: curiosidade, respeito, cuidado ambiental, pensamento crítico e aprendizagem significativa.

**DATAS COMEMORATIVAS
ALADAS**

JANEIRO

05 – Dia Nacional das Aves (EUA) Destaca a importância das aves e sua conservação.

06 a meados de fevereiro – Big School Birdwatch (Reino Unido)

Observação escolar de aves promovida pela RSPB.

08 – Dia Nacional da Fotografia (Brasil) Um excelente dia para fotografar e divulgar a avifauna.

20 – Dia Internacional de Conscientização sobre Pinguins. Sensibilização sobre ameaças aos pinguins.

23 a 25 – Big Garden Birdwatch (Reino Unido) Maior contagem de aves de jardim do mundo.

19 – Dia Internacional do Papagaio-do-mar Celebra este grupo de aves marinhas.

FEVEREIRO

02 – Dia Mundial das Zonas Úmidas Importante para aves migratórias e aquáticas.

06 a 22 – Big Farmland Bird Count (Reino Unido) Incentiva produtores a registrarem aves em áreas rurais.

13 a 16 – Great Backyard Bird Count é a maior contagem cidadã de aves do planeta.

14 a 21 – Semana Nacional de Caixas Ninho (Reino Unido) Incentiva instalação de caixas-ninhos.

MARÇO

20 – Dia Mundial do Pardal, criado para conscientizar sobre o declínio de pardais urbanos.

Segunda semana – Retorno dos Urubus em algumas regiões nos EUA.

ABRIL

08 – Dia de Desenhar Aves Movimento para desenhar e celebrar a aves.

Terceira semana – Semana de estudos para proteção dos papagaios e psitacídeos, instituída pelo Ministério do Meio Ambiente, Brasil.

21 – Dia Mundial dos Maçaricos de conscientização sobre aves do gênero *Numenius*. Criado em 2017 pela conservacionista britânica Mary Colwell, com apoio de ONGs e comunidades científicas. A data coincide com o dia de São Beuno, “padroeiro dos maçaricos” na cultura galesa. E está relacionada ao período reprodutivo das espécies do gênero *Numenius* na Europa.

25 – Dia Mundial do Pinguim, dia internacional dedicado aos pinguins. Criados por pesquisadores da estação McMurdo (Antártida), difundido a partir da década de 1970. Esta data marca o retorno anual dos pinguins-de-Adélia às colônias para iniciar o ciclo reprodutivo

28 – Dia do Observador de Aves no Brasil.

MAIO

04 – Dia Nacional dos Pássaros (EUA) data criada em 1894 por Charles Alanzo Babcock (1847-1922).

Segundo sábado – Dia Mundial das Aves Migratórias no Hemisfério Norte. com foco em aves migratórias e seus habitats.

31 – Dia Mundial dos Psitacídeos (Papagaios) para conscientização sobre psitacídeos, criado pela ONG World Parrot Trust em 2004.

JUNHO

07 – Dia Mundial dos Andorinhões. criado em 2019 pela organização internacional Swifts Without Frontiers.

19 – Dia Mundial do Albatroz, marca o dia da assinatura do Acordo para a Conservação de Albatrozes e Petréis (ACAP) em 2001.

JULHO

03 de julho – **Dia Mundial das Aves Marinhas**. Criado em 2017 pela organização internacional World Seabird Union (WSU). Escolhido porque em 3 de julho de 1844 ocorreu o último registro do alcá-gigante, uma ave marinha extinta. Marco de extinção causada pelo ser humano.
(sem data fixa) – **Global Birdfair** (Reino Unido). Evento anual criado por líderes da conservação de aves no Reino Unido (final do século XX).

AGOSTO

12 - Dia do Papagaio celebrado por algumas instituições brasileiras, que promovem ações educativas sobre conservação e combate ao tráfico de papagaios.

SETEMBRO

16 – Dia das Batuíras, reconhecido pela BirdLife, Austrália.

OUTUBRO

05 – Dia Mundial das Aves

Segundo sábado – Dia Internacional das Aves Migratórias no hemisfério sul, focado em migração de aves.

Campanha “Adote um Ninho” do Programa Papagaios do Brasil.

NOVEMBRO

Novembro é relevante para migração de aves no Hemisfério Sul (início da estação reprodutiva) e projetos científicos e monitoramento de populações

DEZEMBRO

Diversas organizações divulgam ações no fim do ano ligadas a: monitoramento global, ciência cidadã e conservação de rotas migratórias.

O **Dia de Desenhar Pássaros** surgiu em 1943, durante a Segunda Guerra Mundial, como um **gesto de empatia e apoio emocional**.

A tradição começou quando **Dorie Cooper**, uma menina inglesa de **7 anos**, visitou seu tio ferido em um hospital militar. Para animá-lo, ela pediu: “Desenhe um pássaro para mim”. O desenho animou a menina, os soldados e todo o hospital, que passou a realizar concursos de desenhos de aves.

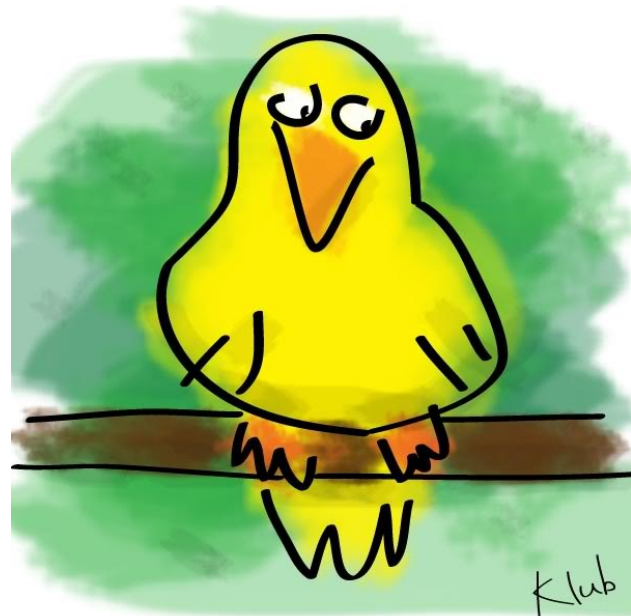
Após a morte precoce de Dorie, soldados e funcionários passaram a homenageá-la desenhando aves em seu aniversário, **8 de abril**, criando uma tradição que se espalhou pelo mundo.

O site do dia é:

<http://www.dabday.com/>

O site é uma memória do evento, com informações históricas, instruções, exemplos e espaço para envios de participantes via Facebook.

Participe e crie uma campanha com seus amigos!





**Dia de Desenhar um
Pássaro, 2009.**



**Dia de Desenhar um
Pássaro, 2010.**

O **Dia Mundial do Papagaio** foi criado pela organização britânica World Parrot Trust. A celebração ocorreu pela primeira vez em 2004, resultado de uma iniciativa global para chamar atenção para a conservação dos papagaios e combater ameaças como tráfico e destruição de habitat.

O dia surgiu no contexto de preocupações internacionais sobre a rápida extinção de muitas espécies de papagaios, motivada por: destruição de habitats, comércio ilegal, captura de aves silvestres e fragilidade populacional de diversas espécies psitacídeas.

O *World Parrot Trust*, uma entidade dedicada exclusivamente à conservação de papagaios no mundo, lançou a data para aumentar a conscientização pública, influenciar políticas de proteção e estimular ações de educação ambiental.

O site <https://www.parrots.org> é a fonte oficial da organização criadora e responsável por divulgar e apoiar o evento global do Dia Mundial do Papagaio.

Veja a página do **Papagaio Charão** em <https://parrots.org/encyclopedia/red-spectacled-amazon/>

Escute **Sons de Papagaios Charões** gravados no sul do Brasil, em <https://xeno-canto.org/species/Amazona-pretrei>

CONEXÕES INDÍGENAS

COSMOPERCEPÇÕES INDÍGENAS E AS AVES

Diversas etnias brasileiras utilizam **penas coloridas de aves**, incluindo araras e papagaios, em danças e rituais de conexão espiritual.

As aves são vistas como **elo entre o mundo espiritual e o terreno**, reforçando seu papel em rituais.

Os povos do Alto Xingú, em especial os grupos **Arawak e Carib**, preservam rituais dedicados às aves, que atuam como **bioindicadores do clima** e que marcam, as duas grandes estações climáticas do ano: a estação das chuvas e a estação das secas.

Na **estação chuvosa** do Alto Xingu, de novembro a abril, ocorre o **DUHE, o Festival de Papagaios**.

É um ritual especialmente dedicado a **papagaios**.

No Duhe, os papagaios são protagonistas simbólicos do ritual.

Outros animais, como as corujas, também aparecem associados por surgirem com frequência nessa época.

A celebração reúne canto, dança e elementos ligados à fecundidade e aos ciclos da natureza. Deste modo, o papagaio é um marcador ritual do início das chuvas e do ciclo de renovação.



Festa do Papagaio.
Imagem gerada por IA Microsoft Copilot, 2026.

Na **estação da seca** do Alto Xingu, de maio a outubro, ocorre o **IPONHE**, o **Festival dos Pássaros** que envolve outras aves e animais. Dentro das cosmologias xinguanas, animais são **pessoas não-humanas**, capazes de agir, sentir, escolher e influenciar o ambiente ao seu redor, com sua história e papel espiritual.

O Iponhe é **vinculado às aves** pois são modelo de **conduta, mensageiros espirituais e símbolos de elevação e transformação**. As aves são vistas como **mensageiras, guias e portadoras de sabedoria**. Elas representam a capacidade de **transitar entre mundos** terrestre e o espiritual, essencial em ritos de maturidade e chefia.

A **estação seca** é associada à circulação intertribal, às grandes cerimônias, à renovação das alianças entre aldeias e à estabilidade climática para rituais prolongados.

As **aves** são marcadores naturais desse período — sua presença, comportamento ou simbolismo marca o “tempo certo” para o festival. Elas são o **marcador sazonal**, a **referência temporal** e o **elo entre natureza e organização social xingwana**.

O rito inclui a **perfuração das orelhas** que marca entrada em uma nova fase da vida, a preparação para assumir responsabilidades e a conexão com a ancestralidade.

Aves simbolizam **transformação, aprendizado e ascensão**. **As penas, o voo e o canto** representam mudança, disciplina e o retorno ao coletivo com novos conhecimentos.

CALENDÁRIO DAS AVES DO ALTO XINGU

Muitos povos indígenas não trabalham com datas fixas, mas com **estações naturais**, como a seca e a chuva. Por isso, adaptamos essas referências ao calendário ocidental, mas respeitando a sazonalidade das estações climáticas locais para ordenar os meses do calendário.

NOVEMBRO, INÍCIO DA ESTAÇÃO CHUVOSA

Duhe — Festival dos Papagaios do Alto Xingú

Celebrado no início da estação chuvosa. É um festival de papagaios, mas também envolve corujas e pacus, realizado durante a estação chuvosa, entre novembro e abril. Marca o retorno dos rituais com foco em papagaios.

DEZEMBRO

DUHE, Festival de Papagaios pode ocorrer neste mês.

JANEIRO

DUHE, Festival dos Papagaios durante a **estação chuvosa**.

FEVEREIRO

DUHE, Festival de Papagaios, permanece ocorrendo durante a estação chuvosa.

MARÇO

DUHE, Festival de Papagaios, ainda dentro da estação chuvosa.

ABRIL

DUHE, encerramento do Festival de Papagaios, o último mês em que a celebração pode ocorrer.



Festa do Papagaio.
Imagem gerada por IA Microsoft Copilot, 2026.

MAIO

Mês de transição entre as estações.

JUNHO

Início provável da estação seca no Alto Xingu

Prepara o período dos rituais intertribais relacionados às aves.

JULHO

IPONHE - Festival dos Pássaros do Alto Xingu

É um rito mítico na cosmologia xinguana.

Ocorre na estação seca, quando acontecem os principais ritos intertribais do Alto Xingu.

Inclui o ritual de perfuração das orelhas de meninos que herdaram prerrogativas de chefia; funciona também como rito de passagem.

É celebrada por povos do sistema Alto Xingu, como os *Wauja*, *Mehinako*, *Kuikuro*, *Kalapalo*, entre outros.

AGOSTO

IPONHE. As cerimônias do Festival dos Pássaros ainda ocorrem neste período seco.

SETEMBRO

IPONHE, o Festival dos Pássaros ainda dentro da estação seca.

OUTUBRO

IPONHE - mês de transição com o fim da estação seca, onde podem ocorrer as últimas celebrações do Festival dos Pássaros.

PARA SABER MAIS

PUBLICAÇÕES

A PASSARINHOLOGA. **Livros para download sobre pássaros**, em <https://apassarinhologa.com.br/links-de-ornitologia/downloads-livros-sobre-aves/>

INSTITUTO ARARA AZUL, em <https://www.institutoararaazul.org.br/>

MORAIS et all. **Observação de Pássaros como estratégia didática**. Instituto Arara Azul, 2021 em [Instituto Arara-azul: Observação de Pássaros](#)

CONCEIÇÃO, Zelma Maria Anunciação. **A Contribuição da Educação Ambiental para a Preservação das Aves**. UFMA, 2021, em <https://www.monografias.ufma.br/jspui/handle/123456789/6534>

FESTIVAL DOS PAPAGAIOS. Expedições Científicas-Culturais, 2027. Disponível em <https://www.festivaldospapagaios.com.br/>

INATURALIST. **Fotos de Amazona petrei**, em https://www.inaturalist.org/taxa/18987-Amazona-pretrei/browse_photos

KALAPAIIO, Diamantha Aweti. **Festa do Papagaio** (vídeo). Disponível em [Youtube Diamantha Aweti: Festa do Papagaio](#).

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Plano de ação nacional para a conservação dos papagaios da Mata Atlântica**, 2011, em https://www.researchgate.net/publication/274139757_PLANO_DE_ACAO_NACIONAL_PARA_A_CONSERVACAO_DOS_PAPAGAIOS_DA_MATA_ATLANTICA

PROJETO CHARÃO. **As aventuras do Papagaio Charão em quadrinhos**. Universidade de Passo Fundo, 2ª edição, 2014, em http://editora.upf.br/images/ebook/Papagaio_charao.pdf

TEMMINCK, C. J.; LAUGIER DE CHARTRUSE, M. J. (baron). **Nouveau recueil de planches coloriées d'oiseaux**, pour servir de suite et de complément aux planches enluminées de Buffon. v. 4. Paris: F. G. Levrault; Amsterdam: Legras Imbert et Comp., 1838. Disponível em <https://archive.org/details/nouveaurecueildv4temm>.

MARTINEZ, JAIME; RODRIGUES, GABRIELA; PRESTES, NÊMORA PAULETTI. **Árvores nativas estratégicas para a conservação da fauna silvestre**. [E-book], UPF Editora, 2024. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/389057382_Arvores_Nativas_Estrategicas_para_a_Conservacao_da_Fauna_Silvestre.

ÁUDIOS, VÍDEOS E SÉRIES

BIRDSOFTHEWORLD [vídeo]. **Revoada de Papagaios Charão**. Marcelo Schmidt Roberti. 2026. Urupema, Santa Catarina, Brasil. Em [Maculay Library](#).
BIRDSOFTHEWORLD. [áudio] **Chamada de Papagaios Charão**. Marcelo Schmidt Roberti. 2026. Urupema, Santa Catarina, Brasil. Em [Maculay Library](#).

Canal NUPEC [vídeo] Série: As Aves Através da Janela. Canal YouTube, em <https://www.youtube.com/user/CanalNupec>

Canal Spotify: Ciência Para Dar e Entender, podcasts sobre aves com Prof. Ricardo Santori, em <https://open.spotify.com/episode/6K61Gqu3MXMDfq20zfUUQN>

GABRIEL MARCHI. Websérie Expedição Papagaios (vídeo).
T01E01– **Censo do Papagaio de Cara Roxa**. Olhar Nativo Produções, 2024. Disponível em <https://vimeo.com/1041362646>

T01E02- **A Migração do Papagaio-Charão**. Olhar Nativo Produções, 2024. Disponível em <https://vimeo.com/1041362380>

T01E03– **Monitoramento do Papagaio de Peito Roxo**. Olhar Nativo Produções, 2024. Disponível em <https://vimeo.com/1041362761>

GABRIEL MARCHI. **Salvando o Papagaio de Peito Roxo**. Olhar Nativo Produções, 2024. Disponível em <https://vimeo.com/1009039210>

GABRIEL MARCHI. **O Silêncio dos Papagaios**. Olhar Nativo Produções, 2024. Disponível em Vimeo <https://vimeo.com/1009029155>

ARTIGOS PUBLICADOS

BARCELOS, A.; BASTOS, W. G.; GUIMARÃES, G.; SILVA, F. B.; SOUZA, R. F. ; CUNHA, P. A.; ANTUNES, D. ; SANTORI, R. T. **As aves através da janela: produção de vídeos sobre ornitologia para uso educacional.** Boletim Informativo (Sociedade Brasileira de Zoologia), p. 10-11, 2014.

BATATINHA, L. A. C. ; SANTORI, R. T.. **Trilhando o Caminho de Darwin na Serra da Tiririca (Niterói/Maricá, RJ): uma proposta de observação de aves sob um olhar naturalista.** In: Marcelo Guerra Santos. (Org.). Biodiversidade e Sociedade no Leste Metropolitano do Rio de Janeiro. 1ª edição, Rio de Janeiro: EdUERJ, 2016, v. 01, p. 267-287.

FELIZARDO, F. C. R. ; BARCELOS, S. J. A. ; PEREIRA, E. F. ; BALOCHINI, V. C. ; SANTORI, R. T.. **Observação de aves no Parque Estadual dos Três Picos: uso público e Educação Ambiental.** Revista Brasileira de Ecoturismo, v. 17, p. 45-66, 2024, em <https://periodicos.unifesp.br/index.php/ecoturismo/article/view/14921>.

JULIANO, E. N.; BASTOS, W. G.; GUIMARÃES, G.; SANTORI, R. T. **O potencial educativo da produção de vídeos no curso de Ciências Biológicas da Faculdade de Formação de Professores da UERJ.** Ciência em Tela, volume 15, 2022. Online: <http://www.cienciaemtela.nutes.ufrj.br/artigos/15pe1.pdf>.

SANTORI, R. T.; MENDES, R. R. L. ; MATA, F. B. ; BATATINHA, L. A. C. **A observação de aves como atividade potencializadora de percepção ambiental no município de São Gonçalo: a experiência da Faculdade de Formação de Professores da UERJ.** In: Santos, M. G. (Org.). Estudos Ambientais em Regiões Metropolitanas, São Gonçalo. 1ª edição, Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012, v. 01, p. 289-301.

SILVEIRA, Aline Barbosa da ; CORRÊA, Fernanda Simas ; RIBEIRO, Flávia Barata ; VILELA, Gláucia Junger ; SANTORI, R. T. . **As aves do campus da Faculdade de Formação de Professores da UERJ (São Gonçalo, RJ) e sua percepção pela comunidade**. Vozes em Diálogo, Rio de Janeiro, 2005, v. 01, n.01, p. 100-108.

MATERIAIS EDUCATIVOS NO SITE ESPAÇO CIÊNCIA VIVA

ESPAÇO CIÊNCIA VIVA. Temporada “**O jardim e seus bichos**”, episódio **Aves**, em <https://cienciaviva.org.br/canta-que-me-encanto-as-aves-ao-redor/>

ESPAÇO CIÊNCIA VIVA. Séries Educativas do Espaço Ciência Viva - **Compêndio** ,2021 em <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/644373>.

ESPAÇO CIÊNCIA VIVA. [vídeo] **Canta que me encanto: aves ao redor**, em <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/644378>.

ESPAÇO CIÊNCIA VIVA. [jogo educativo] **TrincAves Ecológica** em <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/644379>.

AUTORES



Paulo Henrique Colonese

Minha família é da cidade de Pacatuba, Ceará, próximo a um Território Indígena do povo Pitaguary, o que descobri há pouco tempo. Eu fui alfabetizado por professores leigos em Fortaleza e me mudei para a cidade do Rio de Janeiro aos 7 anos.

As ciências físicas e matemáticas sempre me interessaram, e me apaixonei pela história da ciência em minha adolescência. Na universidade, no curso de Física, conheci o campo da educação e popularização da ciência, participando do Espaço Ciência Viva, um museu interativo criado em 1982, com o lema “Por favor, mexa em tudo!”

Desde então, participo de projetos interdisciplinares que envolvem ciência, educação, história e arte, voltados para formação de educadores em escolas e em museus.

Ao final da década de 1990, passei a atuar no Museu da Vida Fiocruz, na criação do Parque da Ciência.

Atualmente estou no programa Ciência Móvel, um museu itinerante que viaja na região sudeste do Brasil. E atuo como colaborador e do grupo de coordenadores do Espaço Ciência Viva.

Esse volume apresenta uma ave da biodiversidade brasileira de aves e pretende contribuir para promover uma conexão ambiental e emocional, criando oportunidades de crianças, jovens e adultos se encantarem com a vida das aves.



Ricardo Tadeu Santori

Olá, sou Ricardo Tadeu Santori.

Eu cursei Licenciatura em Ciências Biológicas e Bacharelado em Ecologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Depois fiz Mestrado no Programa de Ciências Biológicas (Zoologia) no Museu Nacional / UFRJ onde estudei o que certos gambás comem e como o corpo deles ajuda a escolher e comer a comida.

No Doutorado, continuei a mesma linha de pesquisa no Programa de Ciências Biológicas (Zoologia) na Universidade Estadual Paulista – UNESP em Rio Claro, onde estudei como alguns roedores nadam na água e como o corpo deles ajuda nisso.

Atualmente, sou professor titular do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas e do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências, Ambiente e Sociedade da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ).

Sou membro do Núcleo de Pesquisa em Ensino de Ciências da FFP/UERJ, e pesquisador do Programa PROCIÊNCIA da UERJ.

Espaços onde atuo em pesquisas e no ensino nas áreas de zoologia de vertebrados, da relação humano-fauna, do ensino de ciências e da divulgação da ciência.



Pedro Lucas Vedovi

Olá, sou Pedro Lucas Vedovi.

Sou licenciando em Ciências Biológicas pela Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, onde atuo na interlocução entre ambiente e sociedade.

Desenvolvo ações nas áreas de Educação Ambiental e Divulgação Científica pela Liga de Animais Silvestres da UERJ (LASil UERJ) e do Ensino da Fauna Tetrapoda Amniota na disciplina de Zoologia V.

Esse nome parece esquisito, mas é simples de entender:

Tetrapoda quer dizer animais que têm quatro patas ou braços e pernas.

Amniota são animais que não precisam da água para nascer. O filhote cresce dentro de um ovo com casquinha ou dentro do útero da mãe.

Sempre fui apaixonado pela fauna brasileira e influencio meus dois afilhados de 8 e 2 anos a valorizarem nossa biodiversidade.

Espero, com esse primeiro volume da coleção promover conexões afetivas com as aves de modo ainda mais impactante.



Tania Goldbach

Olá, sou Tania Goldach, atuo como educadora desde minha juventude, quando conheci as ideias de Paulo Freire e me envolvi em ações de alfabetização de adultos na comunidade da Indiana, Tijuca, ainda como estudante secundarista. Cultivei desde cedo o prazer de ensinar e aprender.

O encanto pela natureza e o querer entender as ideias que unificam os diferentes olhares para a vida, me levaram a cursar a licenciatura em Ciências Biológicas na UFRJ, passeando entre a abordagem molecular, a vivência de naturalista, o gosto pelo mundo microscópico, entre tantos outros. E assim ,me formei bióloga e professora.

Estudar a hereditariedade, a diversidade e evolução dos seres vivos, de modo integrado e no contexto de produção destes conhecimentos, foi minha sina no Mestrado em Educação (UFF, 1985) e no meu Doutorado em Difusão em C&T (COPPE-UFRJ, 2005) – o que me segue movendo como professora e pesquisadora.

Dediquei parte de minha atividade profissional como professora, coordenadora e gestora no IFRJ (ex-ETFQ e CEFET-Química-RJ) de 1984 a 2017, integrando aulas-teóricas e práticas, e buscando construir coletivamente materiais educativos.

O gosto por buscar estratégias educativas dinâmicas que possam despertar mais interesse dos educandos pelas Ciências, me levou a atuar no campo da Divulgação Científica e ter o Espaço Ciência Viva como minha segunda casa, ao me aposentar, onde me dedico hoje a reunir jovens mediadores e uma rede de professores e pesquisadores que visa desenvolver, aguçar e ventilar o gosto pela Ciência.



Imagem de capa:
Papagaio Charão (*Amazona Pretrei*). © Patrícia Nicoloso,
Rio Grande do Sul, 2021. Acervo iNaturalist.
Licença CC-BY-NC-4.0

